

O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE UM CASAL NÃO ILUSTRE:
UMA ANÁLISE GRAFEMÁTICA ATRAVÉS DA EDIÇÃO
DE CARTAS PARTICULARES

Érica Nascimento Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Célia Regina dos Santos Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: A presente análise tem como objetivo traçar o perfil sociolinguístico de um casal comum que viveu no Rio de Janeiro, na década de 1930. Propomos a utilização de uma nova metodologia apoiada no programa de edição – *E-dictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER, 2010) –, a fim de apontar aspectos referentes à grafia dos remetentes. Para tanto, levamos em conta os trabalhos como Marquilhas (1996) e Barbosa (1999) para tratar das questões pertinentes à escrita dos missivistas e identificar o seu grau de letramento. Os resultados empíricos, com base em técnicas eletrônicas de edição, conseguiram mostrar que a remetente feminina apresenta menor domínio formal da escrita do que o remetente masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos grafemáticos; grau de letramento; perfil sociolinguístico.

ABSTRACT: The aim of this study is to trace the profile sociolinguistic an ordinary couple who lived in Rio de Janeiro, in the 1930s. Thus, it is proposed to use a new methodology supported by the editing program – *E-dictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER, 2010) – in order to point aspects concerning the spelling of senders. For this, papers will be used as Marquilhas (1996) and Barbosa (1999) to address the issues pertaining to the writing of the letter writers and identify the level of literacy of them. The empirical results, based on electronic editing techniques, showed the female writer presented less formal writing domain than the male writer.

KEYWORDS: Aspects graphematic; degree of literacy; sociolinguistic profile.

Introdução.

O objetivo desse trabalho é apresentar uma técnica piloto de natureza filológica para a caracterização do perfil social de dois missivistas desconhecidos do início do século XX. A documentação transcrita e editada é constituída por cartas de amor escritas por um casal de noivos¹ residentes no estado do Rio de Janeiro nos anos de 1936 e 1937. Trata-se de um material ímpar e de grande relevância para a sociolinguística histórica do português do Brasil por ser constituído de manuscritos pessoais do início do século passado que refletem o discurso de indivíduos comuns em sua vida cotidiana. A sua edição² e análise será de grande ajuda para futuros estudos sobre a formação do português popular brasileiro.

A necessidade de uma análise de cunho filológico se justifica sobretudo pela ausência de dados sociais dos remetentes dessas cartas da esfera privada. O fato de serem pessoas comuns que não faziam parte da elite da época inviabilizou o resgate, em arquivos ou acervos públicos, de informações extralinguísticas sobre sua origem, escolaridade, faixa etária, profissão, etc.

Na tentativa de suprir tal lacuna, resgatando dados fundamentais na caracterização de fontes utilizadas em estudos de sociolinguística histórica, utilizamos uma ferramenta computacional alternativa com o objetivo de traçar o grau de letramento dos remetentes. A análise centra-se em aspectos textuais e grafemáticos dessa documentação remanescente. Para tal tarefa os manuscritos foram submetidos ao programa de edição eletrônica *E-dictor* (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER, 2010). Propomos discutir alguns desdobramentos desse programa como um aparato metodológico complementar na coleta automatizada de itens que permitam evidenciar o nível do domínio de escrita por parte dos autores das cartas.

O artigo está estruturado da seguinte maneira. Na seção (1), são apresentados os pressupostos teóricos e a metodologia utilizada. Partimos de uma breve descrição da amostra, seguida por preceitos básicos de cunho filológico e as hipóteses a serem testadas. Na sequência, descrevemos como funciona a ferramenta computacional de edição que cria uma versão digital conservadora e uma modernizada do documento. A partir desse ponto, discutimos como as notações que controlam as intervenções do editor puderam nos auxiliar no levantamento de dados para os propósitos desse estudo. Na seção (2), analisamos

1 Para proteger à identidade dos autores das cartas, faremos referência a ambos pelas iniciais de seus nomes. O noivo será identificado por JOS e a noiva MRC.

2 A edição das cartas está disponível em Silva (2012) e no site: www.letas.ufrj.br/laborhistorico

os resultados quantitativos obtidos a partir da lista obtida no “léxico de edições” gerada pelo programa, comentando os dados relevantes para a análise do perfil social dos missivistas. Nas últimas seções, apresentamos as considerações finais do artigo e as referências bibliográficas.

1. Pressupostos teórico-metodológicos.

1.1 A constituição da amostra e um breve perfil dos remetentes.

O material de análise é composto de 96 missivas particulares trocadas por um casal de noivos residentes no estado do Rio de Janeiro. Da noiva, dispomos de 29 cartas escritas, em sua maioria, na cidade de Petrópolis. Do noivo há 68 cartas remetidas da cidade do Rio de Janeiro, sendo duas dessas missivas, poemas.

As cartas foram descartadas numa lixeira pública localizada em um bairro suburbano do Rio de Janeiro. Apesar das diversas visitas feitas a cartórios, ao endereço que constava nos envelopes e aos arquivos históricos, não foi possível obter informações sobre os autores dessas missivas. A descrição das características sociais dos remetentes está respaldada na própria documentação, a partir da análise da estrutura das cartas, do conteúdo temático, das propriedades da escrita referentes à grafia e da organização do próprio texto.

Por informações que constam das cartas, a noiva MRC era mãe solteira e tinha dois irmãos e uma irmã. MRC residia em Petrópolis com sua irmã que tinha dois filhos. Os seus irmãos moravam com os pais na capital, na Rua São Francisco Xavier, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O fato de MRC ter uma filha não agradava à mãe de seu noivo JOS. Ele trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxtis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal³. Por morar em um bairro localizado no subúrbio da cidade, JOS costumava se deslocar para o trabalho por meio de bonde e tinha como hábito ir à igreja da Penha.

Além dessas informações, a leitura das cartas nos deixou entrever aspectos bastante relevantes sobre esse casal que viveu no primeiro quartel do século passado. Os seus manuscritos testemunham claramente o discurso de pessoas comuns em sua vida cotidiana. Nitidamente chama à atenção certas diferenças quanto ao grau de letramento dos missivistas e ao conhecimento formal de modelos de escrita.

3 Os endereços constam nos envelopes das cartas.

Além de uma estruturação sintática simples, as cartas da MRC apresentam vários desvios ortográficos, ausência de sinais de pontuação e forte insegurança da missivista no reconhecimento do limite vocabular das palavras, como destacamos em (1):

- (1) eu não queria te dizer eu fui aumedico no dia 20 de manha por que eu passei mal de noite não pude dormir com muita no meu coração e com falta de ar o medico me deu calmante elle me perguntou se eu tinha me a borecido eu dise que sim elle falou que era por causa disso de meaborecer que eu estava muito nervosa mas agora vou melho com a graça de Deus. a pesar de voce me mandar uma carta alegre a indanão estou comformada eu veijo a carta do dia 17 as minhas lagrima comesão a cair. (MRC/JOS – 21/01/1937)

As cartas do noivo, ilustradas no trecho (2), não apresentam tantos desvios grafemáticos. Notamos o emprego de palavras que remetem a um discurso mais poético com uma escolha vocabular mais expressiva:

- (2) Para mim tu es maior que toda a riqueza que há neste mundo, Tu és toda a minha fortuna a minha riqueza, e meu ser, a minha maior ventu- ra neste mundo é amar-te e querer-te cada vez mais. Sinto que em ti é que esta toda a minha existencia, por isso quero-te muito para poder viver eternamente, sempre em teus braços recebendo as caricias tuas, que tanto me acalentam e me dão vida. (JOS/MRC – 02/03/1937)

Se é possível perceber, a partir de um olhar holístico do material, uma sutil diferença entre os dois missivistas quanto ao conhecimento formal da escrita, teríamos como mensurar empiricamente tal comportamento? Seria possível categorizar esses dois informantes quanto ao seu contato com modelos de escrita? Que parâmetros são tradicionalmente utilizados nos trabalhos filológicos para medir essa diferença quanto ao grau de letramento? Há atualmente ferramentas computacionais que facilitem tal tarefa dando maior confiabilidade na caracterização do perfil social de gente comum em seus manuscritos de sincronias passadas? São essas as principais questões que pretendemos responder em nosso artigo.

1.2 A contribuição da filologia: breves considerações.

Para discussão inicial dos parâmetros de natureza filológica para análise do material, partimos do clássico trabalho de Marquilhas (1996) com base em

manuscritos do português clássico do século XVII e da aplicação mais recente de Barbosa (1999) com cartas de comércio setecentistas. A proposta da autora mede o grau de letramento dos redatores dos documentos editados por meio da observância de alguns critérios que qualificam os indivíduos como de “mãos hábeis” ou “mãos inábeis”. Os primeiros seriam aqueles com mais domínio do registro escrito e os inábeis, em contrapartida, seriam os redatores com menos habilidade escrita. Nesse caso, as características identificadas seriam: 1) *ausência de cursus*; 2) *uso de módulo grande*; 3) *ausência de regramento ideal*; 4) *traçado inseguro*; 5) *tendência às letras desenquadradas*; 6) *irregularidade da empaginação*; 7) *elenco limitado de abreviaturas*; 8) *falta de leveza ao conjunto*; 9) *uso de maiúsculas no interior das palavras*; 10) *hipersegmentação*.

Os critérios funcionam como referência balizar para auxiliar na identificação dos escreventes com menos intimidade com o registro escrito, por isso dizem respeito à qualidade da forma da letra do indivíduo. É de se imaginar que pessoas com mais habilidade na escrita consigam ter traços mais firmes, letras mais arredondadas e interligadas, mantendo uma cursividade homogênea. Esses critérios isolados, entretanto, não foram suficientes para comprovar o grau de letramento dos redatores dos documentos analisados por Marquilhas (1996). Em termos linguísticos, o conteúdo dos escritos também deixa transparecer um nível de letramento mais elevado. Nesse caso, a autora tomou por base a ortografia com intuito de obter uma descrição mais sólida acerca dos escreventes analisados. Assim, agrupou os aspectos grafemáticos em dois grupos: o de aquisição da escrita e o de marcas de oralidade na escrita. Para os manuscritos do português clássico, identificou, como relevantes, as seguintes marcas de oralidade: *monotongação / ditongação*; *síncope de vogais pretônicas*; *variação entre <e> e <i> / <o> e <u>*; *alteamento das vogais [e] e [o] quando pretônicas*; *variantes em [i] e [u] em monossílabos*; *abaixamento das vogais [i] e [u]*; *centralização*; *epênteses*; *nasalização e variação entre [b] e [v]*.

Outro aspecto observado por Marquilhas (1996) e Barbosa (1999) refere-se à presença de formas etimologizadas. Os manuscritos investigados por Marquilhas (1996) foram escritos no chamado de período etimológico (ou pseudoetimológico). Nessa fase eram privilegiadas as grafias mais antigas em função da sua origem grega e latina. Nesse sentido, era comum encontrar, em alguns documentos manuscritos do português clássico, termos etimológicos como um subterfúgio do escrevente de se fazer passar por letrado.

No século XVIII, Barbosa (1999, p. 190) também identifica a presença de formas etimologizadas como vestígios de letramento. Havia um esforço por parte das pessoas do período para tentarem reproduzir as formas de origem latina,

a fim de garantir um nível de letramento maior aos textos que essas escreviam.

Até o começo do século XX, vigoravam textos com grafias etimologizantes ou pseudoetimologizantes (tentativas errôneas de etimologização) na língua portuguesa. É de se esperar que essa tradição gráfica se estendesse por algumas décadas além da vigência de 1911, conforme atesta Barbosa (2005, p. 30) ao observar que a etimologização era um recurso utilizado por redatores do século XIX para se mostrarem mais letrados. O conhecimento da origem da palavra utilizada no texto demonstrava mais domínio estilístico que valorizava a própria produção escrita. Essa afirmação está de acordo com a análise feita com base nas cartas da família Ottoni trocada entre o casal Barbara e Cristiano no final do século XIX (BARBOSA, 2005). Nessas missivas, o autor observou que a esposa de Cristiano Ottoni, Barbara, recorreu menos ao uso de palavras de natureza etimologizada, não tendo, além disso, um arcabouço variado de vocábulos desse tipo. O marido, em contrapartida, utilizava com mais frequência uma gama maior de palavras de origem latina, cometendo, ainda, menos equívocos. Em uma breve análise, Barbosa (2005) constatou que o marido Cristiano Ottoni, através de evidências gráficas referentes não só à etimologização, como à variação grafemática, tinha mais domínio da norma escrita, ou seja, apresentava um grau de letramento maior que sua esposa. Ela, ao que parece, detinha uma cultura mediana: sabia ler e escrever mais não tinha contato com textos formais.

Como as cartas analisadas neste estudo são bastante recentes e escritas por brasileiros, foram necessárias adaptações e atualizações dos aspectos discutidos por esses dois autores para darmos conta da natureza da amostra. A variação entre [b] e [v], por exemplo, não foi observada, visto que não era um fenômeno tão recorrente em textos contemporâneos brasileiros com baixíssima frequência no *corpus*.

Com base na discussão teórica levantada a partir de Marquilhas (1996) e Barbosa (1999, 2005) sobre as marcas de oralidade no texto escrito e a transposição de propriedades da fala para a modalidade escrita, formulamos as seguintes hipóteses tendo em vista uma visão escalar: [+] ou [-] letramento:

- a) A ausência ou presença de desvios grafemáticos pode ser um indicio do grau de letramento dos remetentes, por isso esperamos que as taxas de frequência desses desvios sejam mais altas na produção dos missivistas com pouco domínio da norma escrita. A transposição da oralidade para a escrita é um fator que contribui para que haja mais realizações de desvios grafemáticos, portanto, é um indicio de baixo letramento do missivista, uma vez que evidenciaria pouca intimidade com textos escritos.

- b) O uso de variadas palavras etimologizadas ou pseudoetimologizadas pode indicar que o missivista tenha tido mais contato com textos escritos e, por isso, tenha maior letramento, conforme trabalho de Barbosa (2005).
- c) A variabilidade de abreviaturas pode ser um indicativo de maior domínio por parte do remetente desse artifício linguístico. Esperamos que o missivista que detenha um maior aporte linguístico-cultural seja capaz de utilizar esse recurso mais eficientemente – embora não seja esse o critério mais relevante para o nivelamento de letramento dos remetentes.
- d) A segmentação e a junção silábica e/ou vocabular⁴ são os principais aspectos para caracterização dos missivistas em mais ou menos letrados, pois são questões que refletem o contato e domínio dos mesmos com textos escritos, como aponta Marquilhas (1999).

1.3 Questões metodológicas.

1.3.1 A edição de *corpora* diacrônicos.

Os estudos no âmbito da linguística histórica que fazem uso de macro *corpora* diacrônicos sempre se depararam com dois problemas aparentemente insolúveis. Por um lado, há a preocupação de uma edição o mais possível fidedigna do documento e, por outro, existe o afã de obter, por buscas automáticas, um número significativo de textos de épocas passadas⁵. Dessa forma, uma ferramenta que confira a integridade do texto e que, ao mesmo tempo, tenha a agilidade do sistema computacional torna-se cada vez mais necessária, uma vez que cresce a demanda por mecanismos que possibilitem mais facilmente o acesso a textos antigos diversificados de vários gêneros e autores com perfis distintos.

A edição facsimilada ainda é a melhor solução para os estudos com manuscritos únicos como é o caso das cartas da esfera privada que compõem o *corpus* do nosso projeto.⁶ Nesse tipo de edição se disponibiliza a imagem do manuscrito ao lado de uma transcrição literal ou quase literal do texto. As

4 Chama-se de segmentação neste trabalho vocábulos fragmentados, como: *a qui, com migo e estaç-ão*. A junção, por sua vez, é o processo inverso no qual há a união de elementos que deveriam estar separados, como em *mezango e pramin*.

5 Não serão discutidos aqui, os problemas advindos de análises baseadas em textos escritos para retratar a língua de um dado momento no tempo.

6 As cartas do corpus compartilhado diacrônico estão disponíveis no site www.letras.ufrj.br/laborhistorico.

principais vantagens são o acesso rápido ao documento para ser manuseado pelo pesquisador e a permanente possibilidade de conferência da transcrição por qualquer estudioso. Para uma análise linguística mais rigorosa, priorizamos a reprodução fiel do texto original com mínima interferência do editor⁷. A variação gráfica recorrente em textos antigos, entretanto, pode prejudicar a pesquisa automática de determinados dados pertinentes ou itens lexicais em uma grande massa de textos de diferentes épocas. As ferramentas computacionais facilitam esse trabalho, seja pelo armazenamento de uma quantidade significativa de material seja pela edição fidedigna dos manuscritos transcritos. O acesso ao programa *E-dictor* nos permitiu conciliar esses dois objetivos. Trata-se de uma ferramenta que garante essa tarefa, uma vez que é um editor que resguarda informações do texto original na versão conservadora que é de interesse linguístico e filológico e, ao mesmo tempo, gera a versão modernizada empregada nas buscas automáticas.

1.3.2. O E-dictor.

O programa *E-dictor*⁸ foi criado primeiramente para atender às necessidades do *Corpus* Anotado Tycho Brahe⁹, conforme ressalta Paixão de Sousa (2009). Esse *Corpus* consiste em um grande arquivo de textos de autores portugueses do século XIV ao XIX. A finalidade era desenvolver uma ferramenta que pudesse auxiliar no processo de edição de escritos antigos. Um dos aspectos de maior vantagem no uso do *E-dictor* refere-se ao fato de ele dar agilidade a processos de busca e facilitar notações de expressões editadas, tornando possível ver versões atualizadas e antigas de um mesmo documento.

O funcionamento do *E-dictor* consiste em gerar arquivos XML – responsáveis por facilitar buscas e possibilitar notações diversas no texto editado. Há diversas opções quanto à manipulação do texto editado, conforme aponta Paixão de Souza (2009)¹⁰.

7 As edições chamadas diplomáticas apresentam esse perfil, diferenciando-se das semidiplomáticas que sofrem maior interferência como, por exemplo, o desenvolvimento de abreviaturas.

8 O E-dictor pode ser obtido gratuitamente através do endereço eletrônico <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/manual/prep/index.html>

9 <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>.

10 As opções descritas por Paixão de Souza são: conversão do texto transcrito para XML, informações dos mecanismos a serem utilizados no documento; edição de propriedades do texto (título, ano de produção, autor, ano de nascimento e extensão do texto - parcial ou completo), bem como registro de comentários gerais sobre este (comentários de edição/codificação); inserção de cabeçalho e rodapé; e inserção de número de paginação.

Não interessa aos objetivos de nosso estudo discutir todos os recursos, possibilidades e vantagens que o programa disponibiliza ao usuário. O intuito é centrar no processo de edição da versão original para a versão modernizada e nas listas que podem ser obtidas durante a edição do documento.

Durante o processo de edição do texto, informações são indicadas pelo usuário para que seja possível, a qualquer tempo, comparar ou acessar a versão original e a modernizada. O *E-dictor* atribui uma hierarquização dessas propriedades conforme a vontade do editor, sendo essa característica que torna possível ver todos os níveis de mudança que uma palavra sofreu durante a edição.

O primeiro momento do processo de edição consiste na transcrição literal do documento. Nessa fase não há intervenção do editor, mas a reprodução fiel do que se lê no manuscrito original. Nem mesmo as abreviaturas são desenvolvidas para que seja possível ter acesso à versão mais conservadora do texto que se quer editar. Na tela do programa reproduzida na figura (1) a seguir, tal etapa corresponde à aba “transcrição”.

O segundo passo corresponde à aba edição, reproduzida na mesma figura (1). É nesse momento que o usuário poderá ativar diversos mecanismos de edição previstos no programa (*junção, segmentação, sobrescrito, ilegível, rasurado, subscrito, tachado, expansão*). Nessa etapa, o usuário indica como aparece a forma original e, na sequência, ativa uma das opções indicadas conforme a necessidade do texto. Na figura a seguir, a título de exemplificação, marcamos a palavra “poçível” que foi modernizada, acrescentando-se a acentuação gráfica ausente no texto original e substituindo o <ç> grafado pelo redator por <ss> que representa a grafia vigente. No box “lista de edições” aparece o tipo de intervenção feita:

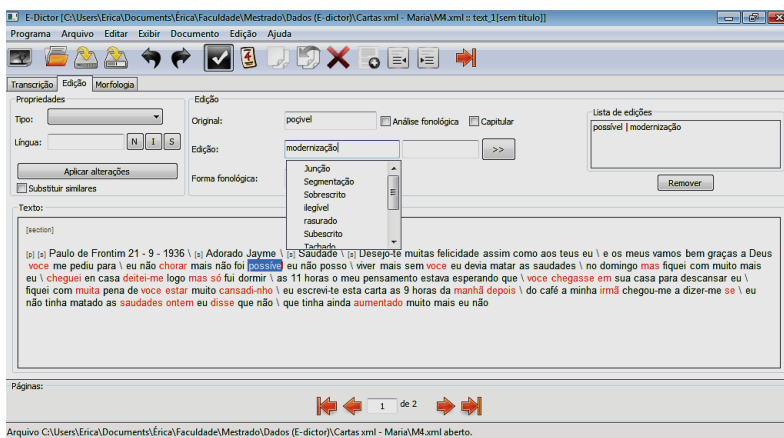


Figura 1: Tela de edição do E-dictor

Essa marcação é feita em todas as palavras que apresentam algum aspecto das notações indicadas. A depender da natureza do texto algumas notações são mais produtivas que outras. No caso das cartas do casal de noivos, a *junção*, a *segmentação*, a *modernização* e a *expansão* foram as intervenções mais recorrentes como veremos na análise dos dados.

O mecanismo de *junção*, como o próprio nome diz, serve para alinhar em um mesmo vocábulo elementos que, pelas regras ortográficas atuais, aparecem separados pelo espaço em branco. O parâmetro é sempre a forma modernizada da palavra. Essa separação nos textos antigos pode ocorrer por vários motivos, entre eles: distração ou equívoco do autor do texto; pouco contato com padrões de escrita vigentes na época da escritura do documento, não delimitação precisa do vocábulo formal e fonológico, etc.

Em (3), há a separação da primeira sílaba da palavra em relação ao restante do vocábulo como se fosse um vocábulo distinto. Os itens *amor*, *aqui* e *comigo* aparecem segmentados e precisam ser unidos na edição atualizada (junção de partes da palavra). No processo de edição através do *E-dictor*, o comando “junção” une todos os vocábulos, sílabas ou letras que deveriam estar contíguas, mas que, por alguma razão, aparecem separadas:

- (3) “J. isto não entereça o que entereça e o nosso **a mor** eu tenho chorado muito con saldades tuas **a qui** e muito triste era bom sevoce estivese **a qui com migo**.” (MRC/JOS – 10/09/1936)

A *segmentação* é um processo oposto à junção, pois em vez de juntar elementos, separam-se. Em (4) há o artigo *a* unido ao pronome *minha* como se houvesse apenas um vocábulo. Em (5), no lugar de *apoderar-se*, o noivo grafou *apoderarce*. No processo de edição, tal palavra sofreu duas marcações: segmentação (*apoderarce* > *apoderar-ce*) e modernização (*apoderar-ce* > *apoderar-se*).

- (4) **Aminha** distração sam são as tuas cartas ¹¹ eu leio toda as noites antes de me deitar e olho para os teus retratos que tantas saudades me dar (MRC/JOS – 26/01/1937)
- (5) A saudade começa a **apoderarce** se mim ja sinto que tua ausencia é para mim um martírio [...] (JOS/MRC – 11/09/1936)

11 Todas as ocorrências de barra nos fragmentos de cartas indicam quebra de linha.

A *modernização* é o critério mais abrangente, pois engloba todas as palavras que atualmente são grafadas de maneira distinta da apresentada no documento antigo. Essa marcação exigiu certo cuidado na hora da edição do texto, pois entre esses estavam processos que não eram interessantes para esta análise – como a acentuação e separação silábica.

O exemplo (6), retirado da carta de JOS, mostra os vocábulos *hontem* (por *ontem*) e *sahi* (por *sai*) grafados de maneira diferente da atual. Em (7), houve a ausência de acentuação gráfica e de letra inicial maiúscula em (*petropolis* > *Petrópolis*; *voce* > *você*). Na forma *chegei*, notamos a falta de domínio da representação gráfica do dígrafo:

- (6) Hoje e que o Nelzinho deve entregar-me a tua carta registrada, porque **hontem** não a fui buscar porque são **sahi** de casa, (JOS/MRC – 13/10/1936)
 (7) Eu **chegei** muito bem em **petropolis** mais estou com muitas saudades tuas eu sonhei muito com **voce** na noite de Domingo (MRC/JOS – 15/03/1937)

A *expansão* consiste em expandir a palavra, ou seja, transformá-la em um item que não seja uma sigla ou abreviatura. Em (8-10), foram expandidas as seguintes abreviaturas: *D.* > *Dona*; *S.* > *Senhora*; *N.S.* > *Nossa Senhora*.

- (8) Lembranças a **D.** Marietta E deste teu apaixonado noivinho recebe muitos beijos e abraços (JOS/MRC – 06/04/1937)
 (9) **A S.** Marietta manda-te lembranças e pedete para não esqueceres de rezares. (MRC/JOS – 22/02/1937)
 (10) [...] eu vou muito triste e com muitas saudade tuas, neta vai uma santinha que e **N. S.** da Penha para tu guardares com tigo e não se esquesa de ir 3 vese a missa que tu prometeste [...] (MRC/JOS – 05/10/1936)

Depois de feitas as devidas indicações, o programa *E-dictor* permite que sejam listadas todas as palavras marcadas – através do comando ARQUIVO > EXPORTAR > LÉXICO DE EDIÇÕES – de maneira ordenada e agrupada segundo a notação proposta. A partir desse recurso, que permite uma visualização mais isolada de todos os itens anotados na edição, é possível identificar, e até mesmo quantificar, o nível de atuação do usuário no processo de edição. A figura 2 reproduz a tabela gerada pelo programa. Na primeira coluna ficam os itens, ou seja, as palavras marcadas no texto e nas demais colunas, os aspectos referentes às notações.

```

|:| [[10-MJ-11-10-1936]
|:| : "text_1[sem título]"
|:| Lista dos Itens Editados ["Ordenados", 'Agrupados']
    
```

Item	Junção	Segmentação	sobrescrito	ilegível	rasurado	subscrito	tachado	expansão	modernização
a simesmo	asimesmo	asim mesmo							assim mesmo
amuitos		a muitos							
chuvia									chovia
coreio									correio
e									é
já									já
mui- tas	mui- tas								muitas
notícias									noticias
registar									registrar
sabado									sábado
voce									voçê

Figura 2: Tela léxico de edições do E-dictor.

1.3.3 Os critérios gerais de análise das missivas.

Embora todos os aspectos arrolados na figura (2) tenham sido utilizados para fins de edição do *corpus*, nos deteremos aos resultados referentes aos mecanismos de edição que foram essenciais para a análise proposta¹²: 1) *segmentação/junção*; 2) *modernização*; 3) *expansão*. Levamos em consideração as observações feitas por Barbosa (1999) e Marquilhas (1996), que atestam a segmentação e junção vocabular como um dos pontos que evidenciam as mãos inábeis. Por isso, esses dois aspectos foram ordenados em primeiro lugar, seguidos pela modernização e expansão como critérios complementares.

Para a *segmentação* e *junção* de vocábulos, observamos o limite silábico e vocabular das palavras assinaladas com o *E-dictor*, a fim de salientar os contextos de ocorrência das mesmas nas cartas do JOS e da MRC. Segundo Marquilhas (1996), a hipersegmentação é um critério que serve para demonstrar o grau de habilidade do indivíduo com textos escritos, pois – conforme Barbosa (2005) – o fato de haver uma segmentação que não corresponde à norma, pode apontar a pouca familiaridade do sujeito com a escrita.

O segundo critério adotado na análise foi a *modernização*, já que esse é um aspecto que mostra as diferenças grafemáticas por parte dos missivistas. Apesar de o programa *E-dictor* ter agrupado todas as manifestações gráficas no critério *modernização*, preferimos nesse trabalho separar os vocábulos segundo duas características: desvios grafemáticos e etimologização. Os desvios grafemáticos são importantes indícios para traçar o grau de letramento de um indivíduo, pois é um fator que pode indicar o contato que ele tem com textos

¹² O detalhamento das edições que podem ser feitas com o auxílio do *E-dictor* encontra-se em SILVA (2012).

escritos. Através da análise dos traços gráficos que aludam a aspectos fonético-fonológicos da língua oral da época, é possível identificar o nível de domínio da escrita por parte do autor do texto. Por essa razão, foi necessário observar os tipos de desvios de grafia presentes nas cartas ressaltando as características que pudessem revelar a transposição da língua oral para a escrita, o que já seria um indício de que o indivíduo que as realizasse com maior frequência teria menos contato com a escrita.

Ainda dentro desse grupo de palavras que foram modernizadas, encontram-se as que são etimologizadas ou pseudoetimologizadas (tentativas errôneas de etimologização). Como apontou Barbosa (2005, p. 30) a tradição de etimologização era um recurso utilizado por redatores do século XIX para demonstrar maior domínio estilístico na produção escrita. Por essa razão, separaram-se as etimologizações, uma vez que essas trazem consigo a informação de que o indivíduo que as utiliza, no mínimo, tem algum contato com textos escritos, o que pode ser uma importante evidência para a caracterização do perfil sociolinguístico dos missivistas.

Por fim, o último critério analisado foi a *expansão* de abreviaturas. Embora essa questão seja colocada em Marquilhas (1996) como um ponto que pode não ser tão eficaz na identificação de mãos hábeis e inábeis, dada a repetição e pouca variedade das abreviaturas, optamos por fazer um levantamento de todas as ocorrências desse tipo que apareceram nas cartas.

A seguir serão apresentados os resultados gerais do levantamento quantitativo realizado e, nas seções subsequentes, serão apresentadas as análises de cada um deles acompanhados de exemplos.

2. Resultados obtidos: a análise das formas linguísticas submetidas a critérios de edição.

Na tabela (1), consta o resultado da quantificação das formas linguísticas que sofreram algum tipo de intervenção no processo de edição. Foram marcadas 1353 palavras correspondentes a esses critérios. Na primeira coluna estão dispostos os parâmetros de medição utilizados para apurar o grau de letramento dos missivistas, de forma que [-] domínio da escrita implica em números mais elevados de *segmentação/junção* e *desvios grafemáticos*, ao passo que [+] domínio da escrita resulta em frequência maior de *etimologização* e *abreviatura*. Nas colunas seguintes são apresentadas as ocorrências dos critérios nas cartas de JOS e MRC:

	Critérios	JOS (noivo)	MRC (noiva)	Total
[-] domínio de escrita	Segmentação / Junção	21 8%	255 92%	276
	Modernização (grafia)	126 14%	748 86%	874
[+] domínio de escrita	Modernização (etimologização)	122 73%	45 27%	167
	Expansão (abreviaturas)	21 58%	15 42%	36
	Total	290 - 100%	994 - 100%	1353

Tabela 1: Distribuição geral dos critérios nas cartas de amor

Na quantificação geral das intervenções feitas durante o processo edição, verificamos uma discrepância significativa no número de palavras analisadas segundo esses critérios nas cartas do casal de noivos. Foram localizados 290 dados nas missivas do noivo e 994 nas da noiva. Esse resultado evidencia um número significativo de intervenções no processo de modernização das cartas de MRC. Os resultados da modernização da grafia demonstram que ela apresentava mais desvios grafemáticos do que seu noivo – 86% contra 14%. Foram encontrados, nas cartas da personagem feminina, 748 desvios de grafia e nas do remetente masculino, apenas 126.

Em relação à segmentação e junção das palavras encontradas nas missivas podemos afirmar que MRC apresenta 255 dados referentes a esse critério – o que corresponde a 92% – enquanto que JOS, apenas 21 (8%).

Esses dois critérios analisados – segmentação/junção e desvios grafemáticos – apontam a redatora MRC como sendo uma pessoa com menos domínio da escrita, uma vez que a frequência de dados correspondentes a esses aspectos são maiores do que as observadas nas cartas do remetente masculino.

Outro resultado que reforça tal postulação está relacionado ao controle das etimologizações. Nesse caso, ao contrário do observado na segmentação/junção e nos desvios de grafia, quanto maior a presença de termos etimologizados maior o grau de letramento do informante. Na tabela observamos que JOS apresenta 73% de dados (122 palavras etimologizadas) e MRC apenas 27% (45 palavras). Tal aspecto será melhor discutido mais adiante.

O número pouco expressivo de abreviaturas que foram expandidas no processo de edição e a proximidade numérica entre os remetentes (21 dados de JOS e 15 de MRC) não nos pareceu relevante para referendar a hipótese da

diferença entre a habilidade com a escrita dos dois informantes.

No geral, esses resultados quantitativos preliminares já são claros em mostrar que em termos escalares o remetente masculino apresentava em sua escrita mais evidências do seu maior contato com variados textos e modelos de escrita e, conseqüentemente, o seu maior grau de letramento se comparado com o perfil de escrita de sua noiva. MRC não demonstrou em suas cartas ter muito domínio da norma escrita, visto que cometeu mais desvios referentes à segmentação e à grafia das palavras. A presença significativa de palavras latinizantes nas cartas de JOS, mesmo que nem sempre o missivista seja feliz nessa tentativa de resgatar a forma etimológica, demonstrou certo contato de JOS com o texto escrito e sua preocupação em parecer mais letrado.

A seguir, será analisado de maneira pormenorizada cada um dos critérios adotados na análise.

2.1. Segmentação/Junção¹³.

Observando o número de dados retirados das cartas dos noivos, percebemos que as missivas da noiva apresentam maior incidência de vocábulos que sofreram algum tipo de segmentação e/ou junção de sílabas ou palavras. A análise dos dados mostrou ainda que a natureza da intervenção foi distinta nos dois missivistas como discutiremos a seguir.

A tabela 2 apresenta alguns casos de junção e segmentação encontrados nas cartas de JOS. Indicamos, na primeira coluna, o dado na versão original, seguido por todas as etapas da edição (junção, segmentação e modernização). Na última coluna da tabela, temos o número total de ocorrências da forma editada:

Dado	Junção	Segmentação	Modernização	Frequência
ati	_____	a ti		2
sentil-o	_____	senti lo	senti-lo	2
a onde	aonde	_____		1
dizerte	_____	dizer-te		1
enaltece-me	_____	enaltecer me	enaltece-me	1
extasiarte	_____	extasiar te	extasiar-te	1
falarte-ei	_____	falar te ei	falar-te-ei	1

¹³ Estão sendo considerados *segmentação* e *junção* quaisquer desvios quanto à separação silábica do vocábulo segundo a grafia moderna.

fazme	_____	faz me	faz-me	1
guardal-a	_____	guarda-la	guardá-la	1
informarte	_____	informar te	informar-te	1
ouvil-os	_____	ouvi los	ouvi-los	1
vel-as ,	vel-as,	vê-l-as,	vê-las,	1
se quer	sequer	_____		1

Tabela 2: Frequência dos dados analisados nas cartas de JOS

É possível perceber na análise da tabela que a maioria das ocorrências de segmentação nas cartas do JOS aconteceu em função do pronome objeto em posição de ênclise ou mesóclise – à exceção de *ati*, *a onde* e *se quer*. O noivo sistematicamente juntava o pronome ao verbo com hífen, como em (11) ou sem hífen como em (12):

- (11) ou então pareço ouvir teus labios a dizer-me que tam- bem sentes saudades minhas ou pareço **ouvil-os** suplicantes a pedirem beijos [...] (JOS/MRC – 20/08/1936)
- (12) Não posso **informarte** quando podemois conversar. mais farei o possível para ser o mais breve (JOS/MRC – 19/01/1937)

Vale ressaltar que as segmentações/junções indevidas nas cartas de JOS com os clíticos *me* e *te* ocorreram em poucos vocábulos, sendo observados em verbos raros nas cartas, como *enaltece-me* e *informarte*. Já o pronome *-lo* e suas variantes sempre apareceram segmentados equivocadamente, tendo em vista as normas atuais.

Nas cartas de MRC, por outro lado, foi identificado um número bastante significativo de junções/segmentações no processo de modernização (255 ocorrências). A tabela a seguir reproduz apenas algumas ocorrências identificadas nas cartas da noiva para um comentário contrastivo:

Dado	Junção	Segmentação	Modernização	Frequência
tam bem	também	_____	também	11
com migo	commigo	_____	comigo	10
de pois	depois	_____		10
a qui	aqui	_____		8
a sim	assim		assim	6

a te	ate	_____	até	5
au- guma	au-guma	_____	alguma	5
a mor	amor	_____		4
a quele	aquele	_____		4
aminha	_____	a minha		4
com tigo	contigo	_____	contigo	4
a cabar	acabar	_____		3
a quela	aquela	_____		3
atua	_____	a tua		3
com binar	combinar	_____		3
m- uito	m-uito	_____	muito	3
medar	_____	me dar		3
melevantei	_____	me levantei		3
a legria	alegria	_____		2
a onde	aonde	_____		2
aumedico	_____	au medico	ao médico	2
com tente	comtente	_____	contente	2
da quela	daquela	_____		2
em velope	emvelope	_____	envelope	2
memandace	_____	me mandace		2
na quele	naquele	_____		2
o fendeu	ofendeu	_____		2
sem pré	sempre	_____		2
sevoce	_____	se voce	se você	2
vou menbora	voumenbora	voume enbora	vou-me embora	2

Tabela 3: Frequência dos dados analisados nas cartas de MRC.

Nessa listagem, mesmo que parcial, percebemos que MRC apresentou diferentes tipos de junções e segmentações. Um uso bastante recorrente da missivista foi a separação do resto da palavra da vogal inicial de vocábulos iniciados por “a” e “o”: *alegria* por *a legria*, *aquele* por *a quele* e *ofendeu* por *o fendeu*. Aparentemente, MRC hesitava no reconhecimento do limite vocabular de palavras iniciadas por vogal, segmentando como se houvesse um artigo definido. A mesma incerteza ocorreu quando havia semelhança entre parte da

palavra e certas preposições como *em*, *com*, *na*, etc. Isso ocorreu em: *em com tra*, *com tinua*, *na quele*, além de *vou menbora*. Houve casos, entretanto, como em *pramin*, em que a missivista uniu o que deveria estar separado. Tais incertezas constantes quanto ao limite vocabular na escrita evidenciam que MRC tinha pouco contato com modelos de escrita, comportando-se como uma escrevente que ainda considera a fala como um contínuo fônico que se reflete na escrita (OLIVEIRA, 2009, p. 163).

Outro aspecto que ratificaria tal comportamento da remetente refere-se à separação silábica que fazia das palavras, desvio que o missivista não cometeu. Houve dados em que a noiva isolava consoantes, como em *m-uitos* e *gr-aças*, por não ter noção da segmentação das palavras.

Outro diferencial entre as missivas da MRC e do JOS, no que diz respeito à segmentação e junção, foi o fato de ela juntar o pronome enclítico e proclítico ao verbo com frequência. Nas cartas do JOS, como mencionamos, a junção só ocorreu com o pronome posposto ao verbo e, mesmo assim, com baixa frequência em vocábulos menos usuais. Nas cartas da MRC, esses dois processos foram recorrentes independentemente da posição do pronome, como vemos nos exemplos (13) e (14), respectivamente, *pergunto-me* e *mezango*. Destacamos que, no exemplo (14), a autora escreveu *mandou-me* com o verbo devidamente separado do clítico pelo hífen. Isso parece demonstrar que a noiva não tinha segurança quanto à segmentação das palavras na escrita formal, o que a levava a alternar grafias e estruturas similares:

(13) [...] levei o dia inteirinho chorando muito que a D. Carmen mandou-me eu maceutar ella **perguntome** [...] (MRC/JOS – 12/01/1937)

(14) Eu não **mezango** com voçe [...]” (MRC/JOS12/01/1937)

2.2. Desvios grafemáticos¹⁴.

Os desvios grafemáticos foram contabilizados separadamente, ou seja, não foram incluídos os casos de segmentação e junção. A ausência do acento gráfico não foi considerada como desvio grafemático, uma vez que os dois remetentes não costumavam usá-la com rigidez, sendo, por isso seria desnecessário analisar esse aspecto para fins de diferenciação dos remetentes.

14 Para fins de sistematização, neste trabalho estão sendo considerados desvios grafemáticos as variações na escrita que difiram da grafia moderna, excetuando-se os casos relativos à acentuação. Além disso, foram abarcadas neste grupo as palavras com variação meramente fonética – correspondendo a uma transposição da língua oral para a escrita, como, por exemplo, “quzer”.

A maior parte dos desvios grafemáticos encontrada nas cartas do JOS foi provenientes de certa insegurança quanto ao sistema ortográfico vigente com uma escrita um tanto fonética. Os desvios ocorreram principalmente por uma tentativa, comum na fase de alfabetização, de criar uma biunivocidade grafema-fone, como podemos observar em: *dansei, fantazia, durmi e constitue*. Embora essa questão revele algo sobre o perfil sociolinguístico dos noivos, a sua presença na escrita não foi o fator mais eficiente para mensurar o grau de letramento dos missivistas, mas sim os tipos de fenômenos observados e a frequência com que os mesmos ocorreram.

Na análise de qualquer material grafemático o objetivo é averiguar a relação entre o respectivo sistema grafemático e o sistema fonológico ou, se possível, o grau de correspondência entre as unidades das formas escrita e falada da língua nessa época. (MAIA, 1986).

As cartas de MRC apresentaram aspectos que evidenciaram uma aquisição irregular da escrita, pois houve dados, como o deslocamento de /r/ na posição de coda, que caracterizariam “mãos inábeis”:

(15) voçe **pregunta** au neuzinho o que elle falou com elle. (MRC/JOS – 12/02/1937)

Nesse trecho do exemplo (15), MRC trocou a consoante *r* de posição, alterando o padrão de CVC para CCV. Isso ocorreu também com a forma *prefeita* por *perfeita*.

A insegurança da missivista poderia ainda ser ratificada na identificação de um processo inverso *registar* por *registrar*, desfazendo o encontro consonantal de CCV para CVC:

(...) a ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluam /r/ constituem a característica mais recorrente das mãos inábeis seiscentistas. O traço não é histórico, nem específico da escrita do português. Entre inábeis franceses de 10 anos dos séculos XIX e XX observou-se igual comportamento, descrito como “fenômeno de deslocação na ordem das letras, especialmente do *r*, deslocado (...)”. Por outro lado, o traço não é específico da aprendizagem da escrita, porque entre crianças que adquirem o português como primeira língua, há “trilhões de problemas” relacionados com a produção da vibrante simples na posição silábica. (MARQUILHAS, 1996, p. 238-239)

A seguir, serão descritos alguns fenômenos grafo-fonéticos que podem evidenciar a transposição para a escrita de aspectos da pronúncia dos sons da

fala. A forte presença dos desvios mostrou a falta de conhecimento do sistema ortográfico do português e o pouco contato dos remetentes com textos escritos.

2.2.1. Monotongação e ditongação.

No *corpus* analisado, identificamos outros fenômenos fônicos que foram transpostos da fala para a escrita fornecendo indícios do português popular brasileiro no início do século XX. A tabela abaixo mostra que tanto a MRC quanto o JOS apresentaram dados de monotongação e ditongação, tendo a noiva uma ligeira superioridade no número de ocorrência desses processos:

	Ditongação		Monotongação	
MRC	dezeijo	<i>desejo</i>	perguntome	<i>perguntou-me</i>
	esteije	<i>esteje</i>	troçe	<i>trouxe</i>
	veijo	<i>vejo</i>	queras	<i>queiras</i>
	ou brigado	<i>obrigado</i>		
JOS	passeiando	<i>passeando</i>	troçe	trouxe

Tabela 4: Monotongação e ditongação.

No exemplo (16), a remetente ditongou a forma verbal, registrando *esteije* por *esteje* (sic!). Além disso, chamou a atenção, nesse fragmento, a variação de formas no mesmo trecho. Notamos a presença do mesmo verbo escrito sem a ditongação – *estejes* (sic!) – o que mais uma vez corrobora com a hipótese de que MRC era mais insegura quanto a grafia das palavras do que seu noivo.

- (16) Espero que ao receberes esta estejes passando bem de saúde e que os teus pais **esteije** mais cal- mos com você (MRC/JOS – 14/02/1937)

2.2.2. Alternância entre [e] e [i] e entre [o] e [u].

Essa flutuação entre as variantes [e] e [i], [o] e [u] é resultado de transformações fonéticas em posição átona e de restaurações eruditas ou semi-eruditas. Teyssier (1980), sobre o português europeu, afirma que essas vogais átonas [e] e [o] em variação com [i] e [u] datam do século XVIII, e foram influenciados pela ausência de uma ortografia oficial.

Esse tipo de desvio grafemático reflete a oralidade ou, em alguns casos, pode ser resultado de uma hipercorreção. As variantes gráficas entram em conflito com as representações fonético-fonológicas, gerando essa flutuação na escrita e dúvidas do escrevente quanto à forma convencional:

MRC (noiva)		JOS (noivo)	
defiçel	<i>difícil</i>	irrevugavel	<i>irrevogável</i>
devi	<i>deve</i>	constitue	<i>constitui</i>
duer	<i>doer</i>	durmente	<i>dormente</i>
estante	<i>instante</i>	durmi	<i>dormi</i>
intrega	<i>entrega</i>	enesquecível	<i>inesquecível</i>
iscondido	<i>escondido</i>	escretorio	<i>escritório</i>
podece	<i>pudesse</i>		
recibí	<i>recebi</i>		
peor	<i>pior</i>		

Tabela 5: Alternância entre *e* e *i* e entre *o* e *u*.

Nas cartas do casal, a flutuação na realização das vogais átonas foi mais recorrente na produção escrita de MRC¹⁵ – com 9 ocorrências. Dentre os vocábulos coletados nas missivas do JOS, a exceção de *constitue* – que apresenta uma vogal átona final – todos possuem uma variação na posição pretônica. As palavras *irrevugavel*, *durmente* e *durmi* apresentaram alteamento da vogal [o] para [u] e as demais, abaixamento de [i] para [e].

As cartas da MRC apresentaram dois dados de palavras cujas vogais que variaram eram as postônicas de [e] para [i], sofrendo um alteamento: *devi* e *defiçel*, destacando-se que, no primeiro vocábulo (*devi*), a vogal que apresentou essa flutuação era a final. Nas outras palavras, a variação ocorreu em posição pretônica (ocorrendo também em *defiçel*), com abaixamento da vogal – *estante*, *peor* ([i] > [e]) e em *podece* ([u] > [o]) e alteamento em *duer*, *intrega*, *iscondido* e *recibí*.

2.2.3. Apagamento da nasalidade.

A nasalização ocorreu em apenas um dado nas cartas do JOS - *mendigo* > *mendingo* -, mas nas cartas da MRC todos os vocábulos coletados sofreram algum tipo de desnasalização. Notamos na verdade uma tentativa de representar o ditongo que se realizava nesses casos com inserção de semivogais representadas pelos grafemas <i> e <o>:

¹⁵ É importante ressaltar que a MRC apresentou mais dados de desvios referente à flutuação das variantes [e]>[i] e [o]>[u] do que o JOS, embora tenha o número total de cartas seja bem menor.

MRC (noiva)	JOS (noivo)
<i>bou</i>	mendingo
ei quato	
maisinha	
nei	
peissei	
quei	
tam bei	
teis	
belicois	

Tabela 6: Apagamento da nasalidade e nasalização.

(17) [...] voçe **nei** presizavas pedir pela carta o meu amor e sego [...] (MRC/JOS – 12/01/1937)

(18) Tu telembra da queles **belicois** no Do- mingo, eu estou toda marcada chega-me duer [...] (MRC/JOS – 07/10/1936)

Nos exemplos (17) e (18), retirados das cartas da MRC, notamos a representação grafemática dos ditongos sem a presença da marca de nasalidade: *nei* por *nem*; *beliscois* por *beliscões*. Nesses dados, MRC deixou de marcar a nasalidade e não utilizou o til ou a consoante nasal de travamento representada por <m> ou <n>. JOS, por outro lado, não apresentou nenhum dado semelhante.

2.2.4. Síncope de vogais e consoantes.

Nesse *corpus*, não só as vogais átonas como também as tônicas e algumas consoantes sofreram algum tipo de apagamento, sobretudo nas cartas de MRC. As síncopes foram mais frequentes em consoantes nas cartas dos noivos:

MRC (noiva)		JOS (noivo)	
atrite_za	<i>a tristeza</i>	camo	<i>calmo</i>
com p_ar	<i>comprar</i>	emora	<i>embora</i>
fr_o	<i>frio</i>	idal	<i>ideal</i>
lo_ge	<i>longe</i>	netar	<i>néctar</i>
ma_do-te	<i>mando-te</i>	istante	<i>instante</i>
ne_ta	<i>nesta</i>		
tri_te	<i>triste</i>		

Tabela 7: Síncope de vogais e consoantes.

Nas cartas da noiva, a síncope ocorreu de diferentes maneiras, desde consoantes em grupos complexos (CCVC) (*trite* por *triste*), até a supressão da nasalização (*loge* por *longe*, *mado-te* por *mando-te*). Nos dados presentes nas cartas de JOS, os desvios foram pontuais com grafia variante em outros momentos do texto.

2.3. Etimologização.

A etimologização é um processo em que se recorre à origem latina ou grega do vocábulo. Esse fenômeno estava presente nas cartas de ambos os remetentes analisados, embora seja mais recorrente nas missivas do JOS, como já mostrou a tabela (1). Apesar de a etimologização não poder por si só identificar indivíduos mais ou menos letrados por ser uma estratégia reforçada pelo tradicionalismo, o seu uso indica um pouco do perfil social de quem faz uso desse recurso. Devemos atentar, no entanto, para o fato de que nem todas as palavras grafadas com duplas vogais, por exemplo, remetiam a vocábulos helênicos ou latinos, constituindo uma tentativa de etimologizar termos aleatoriamente. Em algumas situações, o indivíduo recorreu à etimologia de maneira equivocada e, por isso, não pode ser considerado letrado – Barbosa (1999) e Marquilhas (1996).

Nas cartas de MRC localizamos apenas dois vocábulos que aparentaram estar de acordo com a etimologia dos mesmos: *elle* (e variações, como *ella*, *pellos*) e *cousa*. Identificamos também *hia* por *ia* que é uma falsa latinização.

Já nas cartas de JOS, encontramos inúmeros vocábulos que remetem à origem latina deles. Embora o noivo também tenha cometido falsas etimologizações, percebemos que, além de acertar a maioria, ainda utilizou uma variedade de vocábulos muito mais ampla que MRC: como *ahi* (aí), *assumpto* (assunto), *contacto* (contato), *estrela* (estrela), *ceo* (céu), *logar* (lugar), *comprehendes* (compreendes), *egreja* (igreja), etc. É importante salientar que, dos 46 lexemas levantados, apenas 3 não estavam de acordo com a etimologia da palavra.

- (19) Meu amor cresce tanto Que já parece um **trophéo** Pois de tanto crescer, já... (MRC/JOS – 30/06/1936)
- (20) Cada vez **compreendo** melhor, o que seria o mundo para mim sem você [...] (JOS/MRC – 25/08/1936)
- (21) fais mal. as fotografias ainda não estão prontas nois fizemos mal de deichar as chapas com **elle** por que **elle** e muito m- ole. (MRC/JOS – 23/09/1936)
- (22) “Apesar de ter te visto **hontem** de manhã não queiras saber a saudade que invade meu peito.” (JOS/MRC – 27/06/1936)

Em síntese, JOS demonstrou ter mais conhecimento vocabular quanto à etimologia da palavra, fazendo uso, por isso, de um leque mais variado de lexemas. MRC, por sua vez, utilizou um número restrito de palavras etimologizadas, fato esse que já evidenciava o menor contato da noiva com textos escritos da época.

2.4 Expansão de abreviaturas.

As abreviaturas foram elencadas na análise, embora não tenham tido uma contribuição efetiva para os resultados, visto que ambos – JOS e MRC – utilizaram esse recurso nos mesmos itens. A frequência de uso de abreviaturas por MRC foi maior, mas com repetição do mesmo item. Os exemplos a seguir mostram algumas ocorrências de abreviações nas cartas de JOS e de MRC:

(23) Lembranças a **D.** Marieta (JOS/MRC – 13/04/1937)

(24) a Thereza sabe que a jente mora na rua **S.** Francisco Xavier (MRC/JOS – 12/02/1937)

Nos exemplos (23) e (24) aparecem duas abreviaturas: uma retirada da carta do JOS em que ele mandava lembranças à Marieta tratando-a como *dona* e outra extraída da carta de MRC.

Considerações finais.

O levantamento das características gráficas presentes nas cartas mostraram uma diferença entre o grau de habilidade dos missivistas no que concerne às normas de escrita. Apesar disso, não podemos afirmar que os redatores das cartas ocupam posições extremas quanto a esse aspecto, já que os dois apresentaram evidências de transposição de aspectos fonético-fonológicos em seus textos.

A partir da análise das intervenções feitas no processo de edição das cartas com o *E-dictor*, foi possível identificar diferenças quanto ao grau de letramento de ambos. A síntese dos aspectos analisados, no que se refere aos desvios cometidos pelos missivistas, pode ser utilizada para situar os dois missivistas na escala proposta a partir da dicotomia [-] letrado para [+] letrado:



Esquema 1: *Continuum* sobre o grau de letramento dos missivistas.

Com base no *continuum* proposto, podemos dizer que JOS, embora apresentasse menos desvios grafemáticos e uma gama de vocábulos de origem latina em seus textos, não era um indivíduo com grau máximo de letramento. Se comparado à MRC, no entanto, podemos dizer que o noivo detinha um nível de conhecimento relativo a textos escritos e um maior contato com modelos de escrita que sua noiva, uma vez que ela apresentava mais ocorrências de desvios grafemáticos e segmentação/ junção de palavras.

Os resultados mostraram que MRC apresentava “precário conhecimento formal da escrita” (OLIVEIRA, 2009, p. 152), pois identificamos, em suas cartas particulares, erros constantes na grafia de palavras, problemas de jun-

ção/segmentação (ausência/presença de espaço em branco entre palavras), uso escasso de etimologizações, etc. O uso indevido de vocábulos desnasalizados, monotongados e ditongados trouxe para sua escrita traços de oralidade que seriam também indícios da norma popular brasileira.

Em termos da configuração do perfil sociolinguístico dos dois missivistas, podemos dizer que MRC era uma moça com cultura mediana, nos termos de Barbosa (2005), pois sabia ler e escrever, mas tinha pouco domínio das regras de escrita. As cartas de MRC seriam uma fonte preciosa para o conhecimento da norma popular do português brasileiro da primeira metade do século XX. JOS, por outro lado, demonstrou ter um grau de letramento um pouco maior que a noiva. Não se tratava de um informante completamente escolarizado por também apresentar certos desvios de grafia e marcas de oralidade em seu texto, mas certamente teve mais acesso aos bancos escolares que sua noiva.

O uso dos recursos disponíveis no programa computacional de edição *E-dictor* (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER, 2010) mostrou-se bastante eficaz como ferramenta auxiliar para caracterizar os missivistas. A análise de outros materiais, utilizando as mesmas técnicas propostas nesse estudo, poderá refinar a metodologia piloto apresentada em nosso trabalho.

Referências.

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado em Língua Portuguesa, 1999, 484f.
- _____. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, p. 25-43.
- SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Língua Portuguesa, 2012, 135f
- MARQUILHAS, Rita. *Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII*. 1996. 420fl. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- OLIVEIRA, Klebson. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras*

histórias / Klebson Oliveira, Hirão F. Cunha e Souza, Juliana Soledade (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2009.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Conceito material do texto digital. *Texto Digital*, 2009, p. 6.

PAIXÃO DE SOUSA, M.C.; KEPLER, F.N.; FARIA, P. E-dictor: Novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: SHEPHERD, Tânia; SARDINHA, Tony Berber; PINTO, Márcia Veirano (Org.). *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1980].